


A GRANDE FESTA

Amanhã é o dia "D"

Chuva ameaça o desfile central

Francisco Pedro

Desde os tempos idos que Carnaval com chuva sabe melhor se comparado com um sol escaldante que, mesmo calçando quedas "Bamba" ou "Meteu Dibengo", nos torra o pé de tanto calor, a pele ou a pupila, com os raios ultravioletas, se não estivermos bem prevenidos.

Se chover, uma das principais preocupações dos foliões é manter os adereços intactos sem que se estraguem, particularmente as fantasias produzidas à base de papel, cartão ou cartolina, porque de resto, com chuva a brincadeira, as danças, as intrigas, o mascarado gentio, o rei e a rainha, o príncipe e a princesa, até os instrumentistas têm mais fôlego para o folguedo.

A chuva nunca foi, nem deve ser motivo para adiar o Carnaval. Aliás, Entrudo é mesmo com aguaceiro e lama à mistura, tal como o dia das mabangas (cinzas) que, às vezes, tem sido brindado com chuva.

Antes da Praia do Bispo, o desfile de Luanda teve duas grandes tribunas: a Praça do Kinaxixi e a avenida 4 de Fevereiro, na Marginal de Luanda.

Da Marginal 4 de Fevereiro, lembramos que, em 2004, depois do União Mundo da Ilha desfilarem, no tempo do comandante António Paquete, houve uma forte chuva que deixou em debandada tudo e todos. Nem mesmo o emergente Unidos do Caxinde - a novidade do século XX - conseguiu fazer das suas...

Agora, já na pista da Praia do Bispo, a primeira chuva ocorreu no ano passado, edição de 2018, pouco antes do desfile do grupo União Nzinga Mbande, de Viana, com centenas e centenas de foliões. Nem por isso, o grupo dançou a famosa "cabecinha" e seguiu-se um outro grupo, mas o temporal era tão forte que a comissão organizadora decidiu interromper o desfile alegando segurança dos meios técnicos.

Impõe-se, nesta edição, uma preparação que atenda o fenómeno chuva, prevenindo que aconteça algo semelhante à edição anterior.

Amanhã há possibilidades de chuva na capital do país, de acordo com as previsões meteorológicas divulgadas no site "tempo.com". O desafio pesa à comissão organizadora e menos aos grupos carnavalescos.

Sim, à organização porque a aparelhagem de som, os cabos eléctricos, as emissoras de rádio e as de televisão são meios que carecem de exclusiva protecção da chuva, bem como os membros do júri, para não molhar os boletins de voto, enquanto os espectadores e os foliões, esses, talvez queiram mesmo um pouco de "água benta" natural que vem das nuvens, para acalmar a ansiedade e os ânimos.

Este ano, Carnaval com chuva acontece, também, no Rio de Janeiro, a cidade que alberga o maior Entrudo do mundo. De acordo com os dados do "Climatempo", citado no jornal digital "O Globo".

NESTA EDIÇÃO

Entrevista com António de Oliveira

ESPECIAL • 4

Kiela canta as "makas" de Luanda

ESPECIAL • 4

ORDEM DO DESFILE CENTRAL DO CARNAVAL 2019

LUANDA

#	Grupo	Dança	Distrito/Comuna
1	União Povo da Samba	Semba	Samba
2	União Etu Mudiato	Semba	Sambizanga
3	União Juventude Do Kapalanca	Kazucuta	Kapalanca
4	União Nzinga Mbandi	Cabecinha	Viana
5	União Geração Sagrada	Semba	Rangel
6	União Kiela	Semba	Sambizanga
7	União 54	Semba	Maianga
8	União Recreativo Kilamba	Semba	Rangel
9	União Twabixila	Dizamba	Viana
10	União Sagrada Esperança	Semba	Rangel
11	União Twafundumuka	Semba	Rangel
12	União Giza	Semba	Rangel
13	União Mundo da Ilha	Semba	Ingombota
14	União Kabocomeu	Kazucuta	Sambizanga
15	União Nova Geração do Mar	Semba	Samba
16	União 10 de Dezembro	Semba	Maianga
17	União 10 de Dezembro	Semba	Maianga
18	União Jovens do Mukuaxi	Semba	Maianga


**Especial
Carnaval 2019**

Coordenação: Caetano Júnior
Edição: António Bequengue e Adriano de Melo
Textos: Francisco Pedro, Manuel Albano, Matadi Makola, Mário Cohen, Roque Silva e Kindala Manuel
Fotógrafos: Edições Novembro
Coordenação gráfica: Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe adjunto) Valdemar Jorge
Infografia: Carlos Casimiro

■ **POR FALTA DE APOIOS**

União 10 de Dezembro desfila sem muitas ambições

Manuel Albano

A trabalhar, precariamente, o União 10 de Dezembro compete este ano sem muitas ambições numa vitória. Como um dos “grandes” do Carnaval de Luanda, o grupo espera desfilhar para agradar, apenas, aos seus inúmeros fãs. O seu comandante, Pedro Vidal, disse que não têm muitas condições financeiras para revalidar o título, que já lhes escapa há 13 anos.

Tranquilos e serenos, a trabalhar afincadamente, desde Dezembro do ano passado, apenas para a manutenção do histórico grupo, que desfila no Carnaval de Luanda, há mais de três décadas, Pedro Vidal lamentou imenso a questão financeira e material que tem retirado o “brilho” ao seu grupo.

Sob o lema “Pesca ngola”, numa homenagem a todos que vivem da actividade pesqueira em Luanda, o grupo vai desfilhar sem o aparato habitual, em parte, explica, porque não recebem grandes apoios de instituições públicas e privadas, nacionais ou estrangeiras, desde 2016. “Isso tem criado algum desânimo entre os bailarinos”.

A pesar de todas as dificuldades e a pensar particularmente nos seus admiradores, Pedro Vidal garantiu que o grupo vai apostar muito na dança e na canção, como uma forma, também, de garantir a permanência na Classe A, já que nos outros itens o grupo tem inúmeras

dificuldades para apresentar bons resultados.

“Recorremos ao mais velho Calabeteo, pela sua experiência, para compor o tema, porque é uma das categorias

importantes para termos uma boa pontuação. O outro forte do grupo é a dança e temos ensaiado com regularidade para dignificar o nome do 10 de Dezembro”, disse.

Eterno rival dos históricos do Carnaval de Luanda, o 10 de Dezembro já venceu quatro edições (1991, 1999, 2002 e 2006). O grupo, que tem no comandante Pedro Vidal a sua principal figura, aposta no semba como o estilo de dança de eleição. Fundado em 1987, no município da Maianga, sob o comando de Rosário Mário e Josefa Mário, o grupo foi homenageado em 2011 pelo contributo no desenvolvimento da “festa do povo”.



KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVENEMBRO

■ **PELO CONTRIBUTO À CULTURA**

União 54 homenageia Jovens do Prenda

Kindala Manuel

Ao ritmo do semba da dança varina, o grupo União 54, do Prenda, homenageia nesta edição do Carnaval a banda Os Jovens do Prenda, em alusão aos 50 anos de existência do agrupamento e o contributo dado ao desenvolvimento da música e da cultura angolanas. O presidente do grupo, Joaquim Bernardo Manuel “Fitas”, disse

que durante a homenagem vão ser destacados os principais integrantes do grupo, desde a sua fundação. A alegoria deste ano também é parte do referido tributo e traz a fotografia de três fundadores, acompanhada de um bolo do 50º aniversário da banda, celebrado o ano passado.

Para a homenagem tiveram que contactar alguns membros da banda ainda em vida, como Didi da Mãe Preta, Chico Montenegro e a Luísa, uma das senhoras que viu surgir o grupo, fundado em 1968. “Para a constituição da canção e da alegoria, contactámos os mais velhos do conjunto que nos informaram sobre o processo de formação dos Jovens do Prenda, em 1965, na altura com a designação de Os Jovens do Catambor, com Manuelito, na viola solo, Napoleão, na puíta, Zé Kaquarta, na caixa, e Juca. Mais tarde adoptaram a denominação Estrelas da Maianga. Ainda em 1965 passaram a ter no seu elenco Kangongo, no Maio de 1954, conseguiu conquistar uma edição no desfile central, em 1998.

solo, Maneco Gamboa, na puíta e viola baixo, Maneco, como vocalista, João, no tambor baixo, e António do Fumo, na dikanza e vocal”.

Os mais velhos, conta, explicaram ainda que a fase considerada definitiva da constituição do grupo aconteceu em Outubro de 1968 e culminou com a fusão dos “Jovens do Catambor” e os “Sembas”, na época com Zé Keno, na viola solo, que convidado por Juca, decide levar para os Jovens do Prenda os membros dos Sembas”.

A primeira “grande formação” do grupo, na versão de Zé Keno, explicaram, integrava Juca, como o empresário do grupo, Didi da Mãe Preta, vocal e dikanza, Sansão, vocal e pandeireta, José Gama, viola baixo, Verry Inácio, tambor baixo, e Chico Montenegro, caixa e tambor solo.

O presidente do 54 informou que o grupo vai cantar a história do surgimento e desenvolvimento dos Jovens do Prenda, interpretada pelo músico Acácio, do agrupamento Acapaná. Para o desfile, o agrupamento vai se apresentar com 20 elementos na corte, dos quais, dez reis e cinco rainhas. A primeira linha é constituída pelas mulheres do xinguilamento e as peixeiras. “Os pescadores vão retratar, na sua coreografia, a origem do 54, com muita encenação, que incluirá a forma como os pescadores iam à pesca e vendiam o peixe na praia”.

O 54 é oriundo do União Zumba, constituído por pescadores do Prenda e da Samba, que tinha como dança a dimba e maringa. O grupo participa no Carnaval, a nível competitivo, na classe infantil e na de adultos e, desde a sua fundação em Maio de 1954, conseguiu conquistar uma edição no desfile central, em 1998.

■ **POUCAS CONDIÇÕES**

Nova Geração do Mar dança em tributo aos seus ... (?)

Manuel Albano

Homenagem é uma palavra que define a retribuição da honra, ou seja um agradecimento feito publicamente. É com este pensamento que o União Nova Geração do Mar desce até à Marginal António Agostinho Neto, para lutar por um lugar na Classe A do Carnaval de Luanda. O tributo é para João Jorge, um dos antigos dirigentes do grupo.

A organizar-se com o pouco que tem, o grupo também não espera lutar pelo título, mas prometeu, na voz do seu vice-presidente, Mateus Diogo, não ir à Marginal desfilhar apenas as suas vestimentas. “Não temos condições, mas também não sairemos sem dar luta ao título”, reforçou.

Vencedor do Prémio BAI

da Canção, em 2009, o grupo, fundado a 8 de Janeiro de 2000, pelo comandante Marcelino Neto, quer justificar a sua participação no acto central da festa. Ao longo dos últimos meses, o Nova Geração do Mar, cujo quartel-general está montado nas imediações da Escola do Posto 15, no antigo Posto Petroff, no Prenda.

Mateus Diogo lamenta o facto de as dificuldades financeiras e a falta de apoios do mecenato ainda continuarem a condicionar, tanto, os trabalhos dos grupos. “Este ano, devido a essas mesmas dificuldades vamos participar apenas com 250 foliões”, disse, acrescentando que defende as “cores” do grupo este ano o rei Joaquim Salomão e a rainha Ana Francisco.

“Podemos não ter um

título, mas vamos levar a alegria e muita diversão à Marginal”, promete o vice-presidente, mesmo sem muitas expectativas.

■
“A organizar-se com o pouco que tem, o grupo também não espera lutar pelo título, mas prometeu, na voz do seu vice-presidente, Mateus Diogo, não ir à Marginal desfilhar apenas as suas vestimentas. “Não temos condições, mas também não sairemos sem dar luta ao título”



KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVENEMBRO

COM MUITA ANSIEDADE

Jovens do Mukuaxi e o receio de ser o último

Matadi Makola

O **União Jovens do Mukuaxi**, com sede no Cassequel do Buraco, distrito da Maianga, vive um clima de pressão. “É de facto o momento crucial. Vive-se muita ansiedade, é como se já estivéssemos a competir. Mas estamos a nos preparar verdadeiramente para amanhã”, assegura José Fernandes Machado, presidente do grupo.

Porém, está tudo pronto. Pretendem levar à Nova Marginal um pouco mais de 200 pessoas. Para o grupo, a grande coça é estar pelo menos entre os primeiros cinco classificados. “Essa é a luta. Dançaremos a varina habitual. Se é sabido que os últimos serão os primeiros, que assim seja conosco”, vaticina. O grupo, defende o presidente, é conhecido por ser muito forte na canção, sendo detentor de três prémios da canção, cujo mecenas é o Banco Africano de Investimento (BAI). Quanto à canção que levam amanhã, garante ser ainda

um segredo, mas, denuncia algum inconformismo nos resultados que são dados a determinadas canções. “Acho que o júri da canção deveria ser mais rigoroso nos critérios, porque é preciso saber que se trata de uma canção de Carnaval”, adverte.

Diferente de outros grupos que conseguem apoios de empresários locais, o União Jovens do Mukuaxi depende somente do subsídio dado pelo ministério de tutela, pelo que reclama ter sofrido vários problemas com o atraso e pode não estar em prontidão atempadamente.

“Vimo-nos obrigados a fazer tudo em uma semana. No Cassequel não há empresários que ajudem. Batemos as portas mas nunca obtivemos resposta positiva. Temos planos e seguimos em frente à custa do esforço pessoal de cada indivíduo do grupo. Para este ano faremos o possível”, frisa.

O facto de ser o último concorrente do despique levanta alguns receios, por suspeitarem que se volte a viver os mesmos proble-

mas de organização de edições anteriores. “Na hora de irmos à Marginal, vamos sem grandes problemas. Mas na hora de regresso é que tem sido um bicho de sete cabeças, porque nem sempre o transporte está disponível”, reclama.

Por outro lado, José Fernandes Machado reclama de alguma falta de atenção das autoridades competentes. A seu ver, muitos grupos ficam com receio de fazer voltar a tradição do Carnaval de rua exactamente por falta de segurança. “A nossa realidade já não é a mesma. Nós temos medo de gente que não respeita a cultura e pode arremessar garrafas ou outros objectos”, disse.

De 63 anos de idade, dos quais 42 dedicados ao Carnaval, vem de uma família de gente de Carnaval, sendo filho de Adelaide José, bailarina que foi rainha dos Invejados. “Tenho netos e muitos jovens que estão a vir com força e, actualmente, as homenagens quase sempre são feitas postumamente”, avisa.



ROGÉRIO TUTI | EDIÇÕES NOVEMBRO

DETENTOR DO TÍTULO

Poly da Rocha: “Vamos estar em grande”

Matadi Makola

O **União Recreativo Kilamba**, do distrito do Rangel, sob liderança do comandante Poly da Rocha, será o oitavo concorrente do grande desfile. Para a renhida tarde de amanhã, o detentor do título almeja levar à Nova Marginal um grupo de aproximadamente 900 pessoas, que desfilarão ao som da canção, em ritmo de semba, “Angola e seus ancestrais”, da autoria de Dom Caetano.

Poly da Rocha disse que o grupo tem tudo preparado para que se sinta a força de quem vai defender o título. “Damos muito de nós. Somos muito detalhistas. Tenho a certeza que vamos estar em grande. Está tudo preparado”, prevê.

No geral, a tónica negativa recai para o atraso dos subsídios dado pelo ministério de tutela, que, segundo alega, apenas mostrou-se disponível quando já faltavam pouco menos de 20 dias, o que causa vários constrangimentos de ordem organizativa.

Porém, Poly da Rocha admite estar um pouco melhor que muitos outros, por contar com parceiros cujos apoios têm sido fundamentais para superar determinadas dificuldades alheias à vontade do grupo. “Temos parceiros que acreditam no nosso trabalho. Nesse particular devemos frisar sempre o grande apoio da Fundação Obra Bela, do Banco BIC, da Cuca e outros não menos importantes”, destaca.

Do oneroso valor que muitos grupos investem em cada ano, Poly avança que os cus-

tos de preparação de uma edição às vezes ultrapassam os dez milhões de kwanzas, a desfavor dos três milhões que é o valor do prémio. “Fazemos por amor à folia, por termos consciência da importância da cultura hoje. Penso que se fosse uma questão financeira e não existisse o apoio dessas instituições não nos envolveríamos mais no Carnaval”, explica. A seu ver, as melhorias desejadas não findam apenas na actualização do valor do prémio face aos custos de produção, mas também deve incluir uma evolução em termos de organização para que o Carnaval se torne atractivo e possa levar mais gente aos dias de desfile.

“Parece que só registamos mais. Mais de 60 por cento das pessoas assiste ao Carnaval pela televisão, porque não se sentem participativas. Isso nos leva a concluir que é chegada a hora de entregar a gestão desta festa à sociedade civil, porque não é só cultura, é igualmente turismo e comércio”, sugere.

Outrossim, o “grande comandante” também manifestou a sua preocupação quanto à variabilidade dos resultados, que a seu ver espelha um corpo de júri tendencioso, que envereda por escolhas às vezes subjectivas. “Achamos que as decisões não podem ser feitas ao calor dos amiguismos. Acho que isso só tem prejudicado o Carnaval”, acusa.



MOTA AMBRÓSIO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Em preparação desde Setembro, nos dias 9 e 17 de Fevereiro o União Recreativo Kilamba realizou uma exibição pública do Zé Pirão ao Nelito Soares, fazendo recordar os tempos do Carnaval de rua. “Próximo ano seremos mais ousados, quiçá chegarmos mesmo até a Mutamba”, prometeu Poly da Rocha.

Mundo da Ilha “brinca” ao Carnaval com ou sem chuva

Mário Cohen

A “**feita do povo**” é, como todas as demais, repleta de histórias e contos. Alguns são reais. Outros nem tanto. Uns são assentes em tradição, mas outros são o resultado da imaginação das pessoas. A Ilha de Luanda é um dos pontos muito falados nas “crónicas” do Carnaval. O grupo que a representa, que é um dos “papões” de títulos, tem inúmeras histórias ao seu redor. “Porém dizer que o Mundo da Ilha só vence quando chove é um mito”, disse António Custódio, chamando atenção para o facto de o ano passado ter chovido e o grupo não ter conseguido vencer.

Entre explicações de contos e mitos do Carnaval, o grupo, continuou, tem estado a ensaiar, há meses, não para tentar revalidar o título, mas sim “brincar” a “feita do povo” com todos. Uma “comemoração” que como, explicou, começa primeiro entre os ilhéus e só depois a

Marginal. Por isso, justifica António Custódio, nenhum dos prémios conquistados foi obra de tradição, mas sim do esforço e “ginga” que o grupo tem quando desfila.

“Se das vezes em que choveu, o grupo venceu foi uma coincidência. Não tem nada a ver com alguma tradição. Já houve vezes, como em 2017 em que não choveu e mesmo assim o Mundo da Ilha venceu. Essas histórias são contos. Não passam disso”, desmistificou.

Apesar dos ensaios, adiantou, o grupo não está preparado para vencer esta edição, por não reunir condições para tal. “Estamos com alguns problemas financeiros e reconhecemos o empenho dos outros candidatos. Não queremos sobrestimar ninguém. Por isso vamos mais é brincar, com o público, ao Carnaval”, esclareceu.

Uma das principais dificuldades que o grupo enfrenta é financeira. Em parte, explica, porque o que gastam, em pre-

parativos, supera o valor do prémio que recebem. O Mundo da Ilha gasta, anualmente, em torno de 14 milhões de kwanzas para disputar o Carnaval condignamente. Em contrapartida o prémio não compensa, uma vez que é de três milhões de Kz. “Todos os anos o grupo sai com um défice negativo”, contesta.

Para António Custódio, a Associação Provincial do Carnaval (Aprocal) deveria rever a questão dos prémios, de forma a dignificar a festa. “Este valor era com base no câmbio antigo de dez mil Kz, o que já não se ajusta a actual realidade económica do país”, disse, acrescentando que só para fazer uma boa alegoria o grupo gasta 4.500.000 Kz, assim como um milhão para vestir uma ala de 80 bailarinas. “Este valor da vestimenta inclui apenas as saias. Os chapéus, luvas ou blusas são outra quantia a parte. E estamos a falar só de uma ala, por isso é preciso pensar que tipo de Carnaval queremos”.

Essa dificuldade somada a da requalificação da Ilha do Cabo, que levou grande parte dos seus moradores ao Zango estão a tornar o grupo cada vez mais empobrecido. “É difícil organizar ensaios e incluir bailarinos que agora estão a viver em Viana. Mesmo que o queiramos é muito dispendioso”, lamentou, adiantando que outro problema é a falta de apoio da administração do distrito da Ingombota.

Uma das saídas para todos esses problemas, para António Custódio, é a descentralização do Carnaval e a consequente abertura de oportunidade para as empresas investirem na “feita do povo”. “É preciso criar formas de dar o Carnaval para a sociedade civil, com bons incentivos aos empresários dispostos a investir na festa. Assim poderíamos pensar em voltar ao Carnaval de rua”, disse. Outro aspecto fundamental, para António Custódio, é a falta de maior divulgação da “feita do povo”, uma vez que as notícias só



KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO

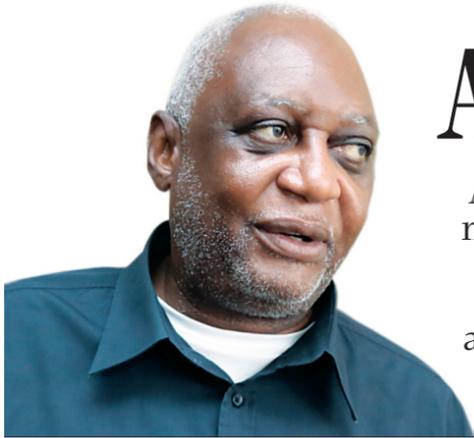
são difundidas ao faltarem dias para o acto central. “A imprensa desempenha um papel importante na sociedade e deveria trabalhar um pouco mais, como tem feito com outras classes artísticas. Não é uma crítica à comunicação social, porém podem fazer melhor trabalho com os gru-

pos carnavalescos”, notou. O mar, a que denominou “economia azul”, vai ser o lema do grupo este ano, por ser a principal fonte de rendimento dos pescadores e fonte de uma vasta gama de produtos marinhos para o comércio, assim como uma fonte de receita nacional.

■ CARNAVAL DE LUANDA

Associação quer “festa” atraente

Amanhã acontece o acto central do Carnaval de Luanda, na Marginal António Agostinho Neto, na Praia do Bispo. Após vários meses de preparativos, os grupos estão prontos para a disputa. A Associação Provincial do Carnaval (Aprocal) continua a ter um papel activo na preparação da maioria dos grupos. Porém, ainda existem muitas dúvidas em torno da importância da associação para os agrupamentos, em especial em relação aos atrasos nos apoios, financeiros e materiais. O secretário-geral da Aprocal, António de Oliveira “Delon”, disse ao *Jornal de Angola* que têm muitos projectos para tornar a “festa” mais atractiva e lucrativa.



Mário Cohen

A falta de verbas e as constantes reclamações dos grupos são frequentes no Carnaval de Luanda. Existe algum projecto da Aprocal no sentido de tornar a festa, tão rentável como a brasileira, e também numa fonte de receitas para o país?

O Carnaval de Luanda também é rico culturalmente. E tem tudo para se tornar rentável. Ao nível da APROCAL existem alguns projectos para o tornar mais atraente, particularmente do ponto de vista turístico e comercial. A iniciativa passa, primeiro, pela rentabilização da própria festa, através da comercialização de produtos do Entrudo. Por exemplo, nesta altura, o público já deveria ter acesso às canções dos grupos, ou a vídeos com histórias do evento. Faltam os CD's, ou DVD's sobre o assunto, porque existem pessoas interessadas nestes artigos, inclusive os trajes do desfile, com maior realce nos do comandante, mas infelizmente, não estão disponíveis.

E até ao momento ainda ninguém tomou a iniciativa?

Já. Alguns grupos já comercializam estes produtos. Porém, a maioria ainda limita a festa a um determinado período. O Carnaval não pode ser uma manifestação que se organiza

num curto período. É necessário que haja maior divulgação de informação. As pessoas devem saber onde comprar os artefactos carnavalescos. É preciso também, Neste sentido, é imperioso envolver mais a classe empresarial, assim como o próprio Estado. Por exemplo, as políticas do Ministério da Cultura ligadas ao Carnaval devem incluir também os outros ministérios, como o do Comércio, Indústria e Turismo, este último principalmente, visto que temos de criar pacotes turísticos capazes de atrair mais turistas. Na verdade, o Carnaval angolano ainda é muito limitado às suas fronteiras e esse é um quadro que deve ser invertido. As organizações e instituições ligadas ao Carnaval devem trocar experiências com outros países, como o Brasil, pois há muito que aprender sobre a orgânica do Carnaval.

E neste sentido há algum projecto para atrair mais investimentos?

Em 2014/2015 apresentámos a proposta de criação de um grande espaço para o Carnaval, à semelhança do Sambódromo brasileiro. Era um programa modelo, em estudo, com um espaço escolhido, nas imediações do Jumbo e próximo ao Instituto Médio de Educação Física. Já estávamos a trabalhar num orçamento. Porém, com a crise, tudo ficou no esquecimento. Esta seria uma forma

de tornar a festa mais rentável e participativa. Enquanto não conseguirmos continuaremos a trabalhar com base nas infra-estruturas que temos estado a colocar na marginal, que não é nada barato e nem cómoda, assim como bastante limitada em termos de acesso aos serviços.

E quanto ao apoio aos grupos? A maioria reclama dos prazos de concessão sempre tardios? Quer comentar?

É um problema que pensamos resolver. Mas não passa apenas pela Aprocal. Os grupos deveriam receber os apoios materiais e financeiros tão logo se inicie o “Assalto ao Carnaval”, no dia 17 de Setembro. Mas nada disso acontece. Essa realidade pode mudar no dia em que a associação se torne numa instituição de utilidade pública. Temos até alguns projectos que capazes de conferir uma certa vitalidade à festa e de muita utilidade para os grupos. Outra forma de superar esse problema seria eliminar a dependência ao ministério e da Aprocal. As verbas do Carnaval deveriam ser concedidas pelas administrações locais. É um trabalho árduo que exige paciência. Já lá vão alguns anos nesta batalha.

Este ano como vai ser a organização da festa, depois do aumento do número de grupos na classe A? E quanto à classificação?

Vamos seguir o regulamento. Não haverá constrangimentos. Claro que o desfile deste ano vai ser mais demorado. A previsão é começarmos às 17h00, devido ao clima favorável. O tempo de desfile é o mesmo: 25 minutos para cada grupo. Por isso acreditamos que se possa chegar até às 2h00 da manhã a dançar. O Carnaval é isso mesmo. É uma festa que se prolonga pela noite dentro. Quanto à subida e descida dos grupos pretendemos usar o regulamento. Se o ano passado abrimos uma excepção, devido à chuva, este ano isso já não acontecerá e os dez últimos classificados da Classe A vão descer para o escalão B. Apenas os oito primeiros vão permanecer. Neste caso os cinco primeiros da Classe B sobem para o escalão principal. Teremos sim mais trabalho, no próximo ano com a classe B, que vai ter 15 grupos. Claro que também estamos preocupados com os cinco últimos classificados da classe B este ano. Não sabemos ainda se eles vão disputar a liguilha ou não.

O ano passado registou-se a inclusão de grupos de outras províncias. Que mais valias trouxe ao Carnaval de Luanda esta experiência? A APROCAL pensa repeti-la?

A Aprocal é uma associação provincial, mas pode convidar um grupo

de outra província, para mostrar um pouco da sua cultura. O ano passado foi uma experiência muito boa, por permitir ao público ter contacto com outras realidades. Na actual conjuntura é preciso divulgar mais o “mosaico cultural” do Carnaval e os grupos convidados do ano passado impressionaram pela sua teatralização. Trouxeram muita valência, ligada às suas raízes. Se tivéssemos condições financeiras devíamos novamente. Mas não temos. Apesar disso também não queremos retirar ou perder a riqueza do Carnaval.

A quarta feira das Mabangas ainda é valorizada?

O Dia das Mabangas ou das Cinzas é o fim da festa. A celebração da morte do Carnaval. Por isso é necessário criar-se um ritual. Assim como fizemos quando alguém morre. Neste dia celebramos e lembramos o que aconteceu no Carnaval, assim como repensamos na próxima edição. Antes, neste dia, os grupos saíam para recolher donativos e apoios, nos mercados e lojas. Embora parte desta cultura esteja esquecida, ainda existem grupos que mantêm este ritual com um certo rigor. O Mundo da Ilha, 54, Nova Geração do Mar e o Povo da Samba são claros exemplos. Esses grupos continuam a manter este ritual e a preservar uma parte da cultura do Carnaval.

■ DESFILE NA CAPITAL

União Njinga Mbandi evoca importância do Rio Kwanza

Roque Silva

As potencialidades do Rio Kwanza, o maior rio de Angola, e as zonas banhadas por si vão ser evocadas pelo grupo carnavalesco União Njinga Mbandi, no desfile central do Carnaval de Luanda, na próxima terça-feira.

O grupo, pertencente ao município de Viana, vai levar à Nova Marginal de Luanda três mil pessoas, entre bailarinos e membros da falange de apoio.

As alas de maior intervenção vão apresentar diversos cenários, que simbolizam desde a nascente do Rio Kwanza, situada na localidade de Mumbué, município do Chitembo, província do Bié, à foz, no Parque Nacional da Quiçama, em Luanda.

O comandante e presidente do União Njinga Mbandi disse, ontem, ao *Jornal de Angola* que o grupo vai realçar, nos 25 minutos de desfile, numa pista de 400 metros de comprimento e 12 de largura, os ganhos económicos e sociais obtidos com a ponte sobre o Rio Kwanza, na localidade da Barra do Kwanza, a paróquia de Nossa Senhora da Muxima, na Quiçama, e as barragens de Cambambe, Capanda e Laúca.

O grupo União Njinga Mbandi, que tem por eleição o estilo de dança cabecinha, vai desfilar ao som de uma canção cuja letra, de autoria do músico Baló Januário, descreve a importância do Rio Kwanza para o país.

Tony Mulato disse que quitadeiras e zungueiras vão desfilar com produtos que representam as áreas com tradição na agricultura, um gesto que visa enaltecer e reconhecer o

esforço, dedicação e luta persistente que as mulheres enfrentam no seu dia-a-dia para garantirem o bem-estar social e económico das famílias. “A importância e potencialidades do Rio Kwanza é um tema que nunca foi bem explorado, por isso queremos dar o nosso contributo para que mostremos ao povo angolano e turistas o que andamos a esquecer durante anos”, adiantou Tony Mulato.

O presidente do União Njinga Mbandi afirmou que o grupo vai à Nova Marginal de Luanda com o objectivo de vencer, uma convicção resultante do facto de ter começado os preparativos com muita antecedência, em Junho de 2018.

“Realizámos um único ensaio diariamente e temos tudo acautelado, porque a preparação foi feita de forma antecipada”, explicou Tony Mulato, acentuando que os preparativos foram feitos à dimensão das condições criadas com o dinheiro referente ao terceiro lugar conquistado na edição do ano passado e ao apoio concedido por empresas do município de Viana.

Tony Mulato prometeu uma apresentação com o mesmo fulgor e alegria que sempre caracterizou o União Njinga Mbandi em todas as edições do Carnaval em que participou.

O grupo tem ainda no palmarés três prémios por ter saído em terceiro lugar em igual número de edições e dois como quarto e quinto classificado. Na última edição, o grupo de Viana realçou na canção com que desfilou as potencialidades turísticas, económicas e agrícolas da província de Luanda. O União Njinga Mbandi foi criado a 22 de Janeiro de 1979 e tem, actualmente, 300 associados.

■ DESCENTE COM CLASSIFICAÇÕES

Kiela canta as injustiças da vida

Mário Cohen

Um protesto contra as injustiças, de que são vítimas muitos dos angolanos, em particular aqueles dispostos a ajudar na reconstrução do país, é o lema do tema que o União Kiela apresenta este ano durante o acto central.

Como conta a sua responsável, Maravilha Dias dos Santos, o tema é também uma oportunidade de o grupo apresentar o seu protesto contra a injustiça de que tem sido alvo nas últimas edições da “festa do povo”, do ponto de vista classificativo. “Que mal o Kiela fez para ser constantemente prejudicado pelos corpos de jurados?”, questiona.

Visivelmente agastada com essas injustiças, mas com esperança de obter uma melhor pontuação este ano, tendo em conta os conselhos da sua mãe, que lhe pede para estar sempre calma e nunca deixar de dançar e brincar ao Carnaval. Apesar de já ter sido aconselhada a desistir do Carnaval, nunca o fez porque gosta da “festa.”

Se os votos fossem do público, confessa, o Kiela estaria sempre nos cinco primeiros. “Claro que não estamos a menosprezar nenhum dos outros grupos. Longe disso”, assegurou, acrescentando que o júri é composto pelas mesmas pessoas há mais de dez anos. “Apenas mudam um ou outro, mas existem figuras permanentes.”

Há dez anos sem um título e não por falta de organização ou preparação, Maravilha atribui a culpa ao júri. “Eles dizem que não sabemos dançar Carnaval”, declara. “Não consigo entender”, lamenta, além de criticar também o valor dos prémios, que não se

equiparam aos gastos feitos pelo grupos.

O Kiela, conta, gastou, na edição passada, 16.300.000 kwanzas e saiu em quarto lugar. Recebeu como prémio um milhão de Kz, que é um défice negativo em termos de investimento feito. Este ano, explicou, o grupo começou os preparativos mais cedo, inclusive foi a Portugal comprar os tecidos para o fabrico da sua indumentária. “Agora, imagine se perco ou não fico entre os cinco primeiros. Todo o dinheiro gasto terá sido em vão. Se queremos um Carnaval digno, temos de dar condições aos grupos participantes. Os fazedores têm de se sentir motivados a continuar”, disse.

A ensaiar há meses no Campo Mário Santiago, no distrito do Sambizanga, o grupo não recebeu este ano tantos apoios como esperava. “Até ao momento, apenas tivemos uma única ajuda”, lamentou, sem contar quem foi o benfeitor. Porém, garantiu empenho e esforço para dançar o Carnaval com dignidade e justificar a confiança depositada em si pelo único patrocinador.

KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO



■ PARADIGMA LOCAL DE ABRANGÊNCIA TERRITORIAL

Repto à realização de um Plano Nacional do Carnaval

O Carnaval reclama um encontro com todas as sensibilidades culturais visando a reavaliação da sua dimensão artística e sustentação económica

Jomo Fortunato

Entendemos que o Carnaval pode ser preparado ao longo do ano, com reuniões de audição aos dirigentes dos grupos, num processo anterior ao desfile central, para que as suas necessidades sejam geridas e atendidas, atempadamente, de maneira racional e adequada.

A criação de um Plano Nacional de Reorganização do Carnaval seria a antecâmara à realização de um encontro local de repercussão nacional, congregando todas as sensibilidades culturais, o que poderá ocasionar mudanças estruturais na produção do Carnaval Nacional.

Este processo engajaria os Governos provinciais, representantes dos Grupos de Carnaval, Blocos de Animação, Associação Provincial do Carnaval de Luanda (APROCA), Comissão Nacional Preparatória do Carnaval, Direcções Provinciais da Cultura, Associações Culturais e todos os intervenientes na realização do Carnaval, incluindo convidados, interessados e empresariado nacional.

O plano poderá ser traçado com os seguintes objectivos, melhorar o estado actual de realização do Carnaval, reorganizar a estrutura interna dos grupos, rentabilizar a sede dos grupos, transformar os grupos em associações, realizar eleições e potenciar o estatuto da APROCAL, motivar a criação de associações do Carnaval nas Províncias, documentar, em vídeo, ou em outros suportes de registo, a história do Carnaval, criar estratégias para transformar o Carnaval

em produto turístico e definir, rigorosamente, o número de foliões dos Grupos de Carnaval, no grande desfile central.

Não sendo conclusivo, o “Plano Nacional de Reorganização do Carnaval” visa instaurar um debate alargado com os principais intervenientes na realização do Carnaval angolano, procurando consensos para uma festa que se pretende mais organizada, modernizada e participativa.

Criatividade

O Carnaval, enquanto produto criativo, pode ser inovado em cada edição. A estratégia de restauro dos adereços, com uma substancial repercussão na forma de apresentação dos Grupos de Carnaval passa pelo engajamento dos profissionais dos vários domínios da arte e dos ofícios que intervêm no processo de criação da estética do Carnaval que vão desde artistas plásticos, carpinteiros, funileiros e empresas em condições de fornecer materiais com perfil industrial, passíveis de serem introduzidos no carnaval.

Mudanças

Quanto a alegoria, é possível definir patrocinadores que apoiem, directamente, a construção dos carros alegóricos, contrariando a lógica da construção tumultuosa e abrupta dos mesmos com efeitos perversos na sua apresentação estética. O painel reclama a intervenção directa dos artistas plásticos, sobretudo na criação da bandeira e nas insígnias que identificam os grupos de Carnaval. A corte pode recriar a simbologia do poder tradicional angolano, com símbolos de construção industrial, sem



A dança semba continua a ser predominante na exibição dos grupos no Carnaval luandense

menosprezar a construção artesanal. As canções do carnaval podem ser melhoradas, motivando os músicos e compositores, sobretudo os que se encontram filiados e próximos dos grupos de carnaval, a desenvolver e aprofundar as suas aptidões musicais e criativas, baseados na tradição rítmica do Carnaval angolano. Por último, os comandantes mais antigos do carnaval e consagrados foliões, podem orientar seminários e trocar experiências, através de debates, com a nova geração de comandantes.

Kuduro

Tal como o semba, varina, “tchianda” e kazucuta, danças de proveniência popular

que emigraram para o carnaval, o kuduro, enquanto dança e música de expressão internacional, deve figurar, naturalmente, na contemporaneidade do carnaval com a criação de um grupo potente que venha a promover esta expressão artística. A dança, um dos suportes emblemáticos do kuduro, possui uma plasticidade coreográfica reconhecidamente angolana, que sobrealimenta o ritmo e a palavra inusitada, características de fácil introdução no ritmo do carnaval. As ocorrências do quotidiano dos bairros, a crítica social e política, os comportamentos, os defeitos do adversário, o enaltecimento das virtudes, a auto-promoção, são os temas

e estratégias recorrentes de composição temática dos textos do kuduro, que, resguardando o conteúdo moral, podem estar integrados nas canções do Carnaval, evitando o uso irreverente da palavra obscena ou “obscenizada”. Acreditamos que a criação de um grupo de carnaval, constituído por artistas mais representativos do “kuduro”, poderá constituir um importante contributo à modernização do Carnaval angolano.

Semba

Enveredar pela modernidade na tradição, conservando os traços culturais de identidade colectiva, deve ser o princípio de adaptação do carnaval aos novos tempos. No

entanto, o princípio da diversidade deve dominar o Carnaval Nacional, embora o semba continue a ser a dança predominante do Carnaval luandense, por razões óbvias de proveniência local. Neste capítulo, analisamos de forma selectiva a predominância do Semba nos grupos da região de Luanda. Exceptuando os grupos, União Njinga Mbandi que dança, cabecinha, União Dimba Dya Ngola, kazucuta, União Kabocomeu, kazucuta, e União Kazucuta do Sambizanga, kazucuta, dançam, maioritariamente, semba, o União Domant, União Etu Mudyetu, União 54, União Jovens da Cacimba, União Kiela, União Mundo da Ilha, União Povo da Samba, União 10 de Dezembro, União Sagrada Esperança e União Twafundumuka, entre outros.

Investigação

A investigação universitária deve estar próxima do Carnaval para o conhecimento da história e do perfil artístico das grandes figuras do passado do Carnaval. Os temas sobre o Carnaval devem ser propostos pelos professores Universitários para teses de pós-graduação, na sua dimensão sociológica e artística, motivando o surgimento de títulos bibliográficos sobre o Carnaval. O Carnaval possui uma história secular e grupos que, pelo seu passado, devem constituir matéria de investigação universitária. É urgente recuperar, para estudo, a dimensão material e imaterial do Carnaval, que incluem pinturas, esculturas, adereços, literatura, canções, linguagem e costumes ligados à aspectos da filosofia e estética do Carnaval.

■ CUANDO CUBANGO

Governo disponibiliza verba para os prémios

NICOLAU VASCO | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANDO CUBANGO



União Estrela da Paz venceu a edição 2018 do Entrudo na província

Carlos Paulino | Menongue

Um total de 5.400 milhões de kwanzas é o montante disponibilizado pelo Gabinete Provincial da Cultura, Turismo, Juventude e Desportos do Cuando Cubango para premiar os grupos carnavalescos que desfilam terça-feira no Largo 23 de Março, em Menongue.

A informação foi avançada no sábado em Menongue pelo chefe de departamento de Arte e Património Histórico

do Gabinete Provincial da Cultura, Turismo, Juventude e Desporto, Pedro Amaral, que afirmou ter recebido a quantia do Governo do Cuando Cubango.

Os vencedores das classes de adultos e de infantis vão receber 600 mil kwanzas, os segundos classificados 500 mil e os terceiros 400 mil kwanzas. Pedro Amaral acrescentou que os grupos receberam um subsídio de participação no valor de 30 mil kwanzas.

Para o desfile provincial estão inscritos 22 grupos carnavalescos, sendo oito de adultos e 14 de infantis, estando o município de Menongue representado por 20 grupos e os municípios do Cuito Cuanavale e Cuchi, com um cada.

Pedro Amaral disse que, pelo segundo ano consecutivo, os grupos carnavalescos não vão beneficiar de tecidos e outros meios para produzirem as indumentárias, porque o Ministério da Cultura não disponibilizou qualquer apoio para o efeito.

“Apesar desta situação constrangedora, esperamos que os grupos possam envolver esforços para que consigam criar condições em

termos de indumentárias para que estejam bem apresentados durante o desfile provincial”, disse.

O responsável garantiu que neste momento estão criadas as condições para a realização do desfile provincial amanhã, no Largo 23 de Março.

Oswaldo Elavoco, responsável da União Estrela da Paz, vencedor das últimas cinco edições do Carnaval do Cuando Cubango, disse que o grupo está a ultimar os ensaios para o desfile provincial e tudo aponta que vai repetir a proeza este ano.

O grupo União Estrela da Paz é composto por mais de 200 integrantes e já venceu 11 edições do Carnaval na província.